

A marcar o tempo

De Joana Vasconcelos pode-se dizer que se há artista em Portugal que usa a cultura popular e artesanal na sua obra, é ela; se há obra artística que os portugueses conhecem, é a dela; se há um tempo que é o seu, esse tempo é este; um tempo e um espaço que vão do Portugal do pós 25 de abril à (re)descoberta do mundo. O registo deste momento é a artista que o faz. Se Joana Vasconcelos fosse um relógio, seria naturalmente um cronógrafo.

Perguntas Paulo Costa Dias

Fotografia Kenton Thatcher e Espiral do Tempo

Produção Ricardo Preto

Cabelos Paulo Vieira

Maquilhagem Naná Benjamin

20



Fotografia: Kenton Thatcher

O fotógrafo Cartier-Bresson disse de Marylin que uma pessoa tem de ser muito local para se tornar universal. É essa a causa do seu sucesso cada vez mais universal: a Joana ser muito local?

(risos) Sim e não. Eu sou muito local, mas toda a minha carreira é feita internacionalmente. Há, portanto, uma ambiguidade entre ser conhecida internacionalmente pelo meu trabalho e ser conhecida em Portugal pelo meu trabalho, mas também por fazer parte de um grupo político: os artistas.

Também trouxe um fotógrafo e a Marilyn à colação, porque uma das suas obras se chama Marilyn e o seu pai é fotógrafo. Um fotógrafo que se exilou em Paris, mas que, tendo nascido na metrópole, cresceu em Moçambique. Em que é que esse estar global, que será o do seu pai, a projetou a si para trabalhar o local?

Toda a minha família viveu em vários locais do mundo e está espalhada por vários sítios, desde Austrália, Reino Unido, França. A minha avó viveu na Índia, na China e em África. Somos, portanto, uma família multicultural, não há uma geração, nem duas, nem três, mas há quatro gerações. Por isso, de alguma maneira, crescer nesse ambiente multicultural leva-nos a olhar para os fatores mais tradicionais de outro ângulo. Acho que isso foi uma constância na minha família e em mim também.

O seu trajeto, também nesse sentido, é interessante, porque a Joana nasceu em Paris, veio de fora para dentro e voltou para fora, com a internacionalização da sua obra. Esse espaço global sempre foi, então, encarado por si como natural?

Sim, mas também porque não tinha outra hipótese. Pertença a um circuito internacional que tem uma dinâmica muito maior do que o circuito português, e esse é que me faz

sobreviver. A escultura monumental tem pouco espaço em Portugal.

Há uma diferença entre as pessoas que têm as suas raízes fora de Portugal e as que têm as suas raízes exclusivamente dentro do País?

Não é tanto uma questão de raízes. Ser-se português não é só sinal de viver em Portugal. Acho que ser-se português é ser-se multicultural. Fomos nós que criámos a aldeia global, fomos os primeiros estrangeiros a chegar a muitos cantos do mundo. O multiculturalismo faz parte da nossa tradição e da nossa identidade. O português é o que viaja, o que consegue ter a perspetiva da dimensão do mundo – que é muito maior do que a nossa pequena geografia. Os portugueses sempre foram geograficamente pequenos, mas poeticamente grandes. (risos)

Mas sente que há tensões entre os portugueses, entre os que têm consciência da dimensão do mundo e os que não têm?

Sim, há o português que se queixa e que sofre, o português que tem um destino, um fado, que é refém do lamento, mas também há o português que embarcava aqui de Alcântara e de Belém à descoberta do mundo. Esse português continua a existir. Hoje, já não embarca em caravelas, já não vai em busca de uma terra distante, mas continua a procurar a interação com o outro. A vontade de interação com o outro continua a ser uma realidade muito forte. O desejo de conhecer o outro, de compreender outras culturas, de as assimilar, o desejo da descoberta... – acho que tudo isso é uma tradição entre os portugueses.

Gerir tensões, na sua obra e não só, tem sido para si uma forma de vida. Provoca-as muitas vezes?

Sim. Quando fala de tensões, posso dizer que elas existem, mas eu acho que é uma questão de

ambiguidade do ser-se português. Os portugueses são ambíguos. Este é o drama existente na forma de estar portuguesa. As palavras «destino» e «saudades» têm um grande peso, um lado de fatalismo, de sofrimento. Isto, que pode ser visto de uma forma negativa, também pode ser visto de outro ângulo. A partida, a demanda e a aventura têm um lado de fatalidade. Por outro lado, também se encontra a forma de estar do ser-se positivo no fado, que não é sempre triste. Acho que todos temos os dois lados: o lado aventureiro, mas também o lado fatalista, ensimesmado e sem vontade de sair desta dimensão pequena, desta dimensão muito territorial. Mas acho que é a convivência dos dois que traz o apimentado, o condimento.

Nos momentos de crise, ao longo da História, nasceram músicas emblemáticas, pinturas, e geraram-se movimentos culturais, correntes artísticas ou filosóficas. Isto não está a acontecer com a crise atual, julgo. Porquê?

Eu acho que está. A atual crise está a gerar, pelo menos é o que eu posso dizer internacionalmente, um regresso às identidades. Cada vez mais se encontram artistas de todo o mundo que voltam às suas raízes, ao sítio de onde partiram, à sua cultura de origem. Mesmo não vivendo no próprio país – porque alguns não podem por razões políticas –, são pessoas que exploram a sua identidade reivindicando a sua origem. Nesta crise, que é uma crise financeira, mas que origina uma crise de valores, as pessoas procuram descobrir quem são, de onde vêm, qual a sua cultura originária, e isso faz com que a identidade se torne um tema. Neste período de crise – que é uma crise parcial, porque só uma parte do mundo é que está em crise –, muitos artistas estão a voltar para os seus países. Isto está a acontecer cada vez mais. O fator censura, o fator político ou o fator social determinam as obras, porque os artistas são uma espécie de filtro, ou uma espécie de ponteiro de um

relógio que identifica o momento. A forma como os artistas se posicionam em relação à sua cultura é um tema de trabalho.

Talvez por isso, quando um dia se contar como foram estes anos em Portugal, a Joana, a sua obra e o seu protagonismo serão referências incontornáveis. Foi uma questão de timing ou há alguma coisa na sua obra que agarra os portugueses, neste momento?

Acho que o tempo é um fator determinante. Eu nasci em 1971, vou para a escola em 74, e venho para Portugal quando se dá a revolução. Eu sou o resultado desse tempo, de uma série de ações que ocorreram neste país num certo tempo. Sou da primeira geração que estudou inteiramente em democracia e isso marca, como marca a família multicultural que tenho. Apesar de ter nascido em Paris, sou portuguesa. Eu existo no mundo neste momento, neste país, com esta cultura. O que se reflete no meu trabalho é a minha 'portugalidade', através de uma perspetiva global, porque vivemos num tempo de globalização, mas refletindo o tempo que nós vivemos em Portugal. Os artistas são uma bússola, são quem vai apontando direções, marcando os momentos do seu tempo. Como os relógios têm os ponteiros que indicam as horas, nós vamos marcando algumas horas no tempo em que fazemos parte de um certo país, de uma certa geografia, de uma certa história. Vários artistas, ao mesmo tempo, fazem-no, uns mais velhos, outros mais novos, cada um com a sua perspetiva e cada um com a sua forma de estar.

Disse qualquer coisa como «É preciso reconstruir a identidade nacional, o legado das nossas artes populares, descontextualizá-lo, reinterpretá-lo». É este o caminho que o País está a fazer, e é por isso que a sua obra tem o impacto que tem?
Eu acho que, em épocas de crise, voltamos a olhar para quem somos. Quando se põe a questão

Os artistas são uma bússola, são quem vai apontando direções, marcando os momentos do seu tempo. Como os relógios têm os ponteiros que indicam as horas, nós vamos marcando algumas horas no tempo em que fazemos parte de um certo país, de uma certa geografia, de uma certa história.

Joana Vasconcelos

«O que nos vai acontecer?», gera-se tensão, sente-se um perigo iminente que chega ao «até podemos desaparecer», à possibilidade de sair do Euro. Além disso, há a fragilidade económica e política, e, com elas, vem a fragilidade cultural. Tudo isto obriga a que todos nós, que pensamos sobre o País de diferentes ângulos e de diferentes perspetivas, nos perguntemos «Mas, então, quem é que nós somos? O que é que nós temos que nos diferencia? O que temos de guardar? O que é imprescindível que se mantenha? O que é fundamental deixarmos para as próximas gerações?». Este exercício obriga-nos a olhar para trás e a perceber o que foi importante, aquilo que era de melhor qualidade. Obriga-nos a sintetizar, a apreciar e a dar valor àquilo a que, em épocas de consumismo, não se dá valor, porque estamos direcionados para consumir tudo o que nos rodeia. Quando há escassez, dá-se mais valor ao que se tem. Penso que estas alturas são boas para se distinguir o trigo do joio e obrigam a olhar para dentro de nós. Há que olhar, contextualizar e descontextualizar, que é o que eu faço, para preservar o futuro.

Essa ideia de reinterpretação da simbologia nacional, mesmo que apenas relativamente a aspetos artísticos, é um bocado subversiva, não?

Porquê? A identidade é algo que se vai construindo de geração para geração. Todos nós acrescentamos sempre qualquer coisa à nossa identidade coletiva. Há sempre dois pratos numa balança. Podemos sempre olhar para as coisas como um copo meio cheio ou meio vazio. Depende de cada um e, como disse, os portugueses são muito ambíguos. (risos) O que nós todos fazemos é reinterpretar o nosso legado cultural. Podemos aceitar o que nos é dado, não pensar sobre as coisas e limitarmo-nos a repetir, ou podemos interpretar e repensar o assunto. Claro que as propostas que são apresentadas pelos pensadores não têm de ser aceites por todos. O que o artista faz é apresentar uma nova

proposta. Essa proposta, depois, é interpretada pelo outro, e o outro pode ter gosto nessa interpretação ou pode achar que não faz sentido, mas o artista apenas apresenta uma proposta.

Ousadia e coragem são qualidades que lhe são atribuídas. Ainda é preciso, em pleno século XXI, ousadia e coragem para fazer arte – sem nus, ainda por cima?

Bom, vou usar um exemplo para responder à sua pergunta. No Paleolítico, o chefe de uma tribo matou um bisonte e pensou «como é que eu vou explicar às outras tribos que fui um caçador bem-sucedido e que a minha tribo vai sobreviver a este inverno graças a isso?». Como é que ele mostra às outras tribos e às gerações vindouras que alterou o percurso da sua tribo, ao matar o bisonte? Então, ele vira-se para um elemento e diz-lhe para o representar na parede a matar o bisonte. Há um eleito que pega numa espécie de pincel, ou numa coisa qualquer, e representa a sua tribo, a caçada e os feitos da sua tribo. É assim que nós hoje sabemos o que se passou com aquela tribo e porque é que ela sobreviveu. A representação é o que nos distingue dos animais. Se ela é bem-feita ou malfeita, é outra coisa. Agora, em todas as épocas e em todas as culturas, há representação. As tribos que se representaram chegaram até nós, os que se representarem agora talvez cheguem mais longe. Claro que vai haver alguém que dirá «eu teria pintado muito melhor, os bisontes têm as pernas maiores», mas isso não tem nada que ver com aquilo que nós andamos aqui a fazer. O que nós fazemos e o que os artistas em geral fazem, seja um poeta, um bailarino ou um músico, é representar a sua tribo na forma em que ele se expressa. Os artistas têm de colocar questões. Se as pessoas gostam ou acham subversiva é outra questão e esta existe sempre. Se calhar, haverá outras artistas que representam melhor os portugueses. Mas quando os portugueses vão visitar a Ajuda – 235.000 pessoas –, não vão pelo meu trabalho: vão ver se eu sou digna de ser representante desta tribo. Essa é que é a questão:





Fotografia: Kenton Thatcher

ENTREVISTA DE CAPA JOANA VASCONCELOS

será que sim ou não? Só no futuro é que vamos saber se, na verdade, fui ou não digna de o fazer. E não somos muitos os artistas em Portugal, infelizmente, mas, se não houver diversidade de artistas, também não há diversidade na representação. E quantas mais pessoas pensarem em quem nós somos, mais bem representados seremos no futuro.

Alguma vez pensou que teria este protagonismo e esta popularidade, ou que chegaria onde chegou?

Não, porque eu não a possuo. Ela é-me atribuída quando os portugueses decidem que sim. Não existe a ideia de «vou ser uma grande artista». Há carreiras em que é possível programar dessa maneira, fazer os passos todos e chegar lá. Nas artes, isso não é possível.

Então, quando iniciou a carreira nunca pensou «eu gostaria de expor em Versalhes»?

Por acaso, pensei. (risos) Pensei, mas isso não quer dizer que aconteça. Ou seja, não se pode traçar um percurso, mas sonhar toda a gente sonha.

E fazer uma peça extraordinária de joalharia como aquela que agora fez, alguma vez pensou?

Eu estudei joalharia e fiz joalharia no princípio da minha carreira, mas, nessa altura, não tinha muitos meios. Agora, foi possível fazer uma joia ‘à sério’. (risos) A verdade é que me habituei, entretanto, a fazer grandes produções com um grau de exigência que não tinha no início da minha carreira na joalharia. Agora pude aplicar tudo isso a uma joia de grande complexidade técnica. Foi o apuramento da minha obra que permitiu fazer aquela joia. Foi uma peça que me foi pedida pela David Rosas, para ajudar, em colaboração com a Catarina Furtado, a Associação Corações com Coroa e a minha própria Fundação, e para mostrar igualmente que os artistas plásticos também podem trabalhar na área social.

É uma pessoa temerária e uma mulher que está a percorrer mares nunca antes navegados por uma mulher portuguesa... Isso não é verdade.

Não? Quem é que, nas artes, navegou estas águas?

Então, a Paula Rego, que já navegou muito mais longe.

A Paula Rego não tem a sua projeção nacional, não expôs com aquele sucesso em Versalhes ou na Ajuda, não teve obras dela a atingirem os preços que obras suas já atingiram na Christie’s. Qualquer pessoa, em Portugal, conhece obras suas. A sua notoriedade em Portugal não é igual à da Paula Rego.

Sim, são águas diferentes, mas isso não quer dizer que o raio de ação da Paula Rego não tenha chegado mais longe, onde eu ainda não cheguei. O que interessa não é tanto onde se chegou, lá está, é representar bem o nosso país e a nossa identidade. A verdade é que a Paula Rego é um grande nome, tem uma grande carreira, e a origem e identidade da sua obra são portuguesas.

Digamos, então, que a Paula Rego cruzou os mares até ao Brasil e a Joana fez a inédita viagem à Índia...

As carreiras são diferentes, as gerações, os temas...

Deixe-me acabar a pergunta, que não tem que ver com comparações. A pergunta é: sendo temerária e tendo percorrido mares pouco navegados, pronto, quais são os seus adamastores? O que lhe mete medo?

Ah! (risos) Eu não tenho nenhuns medos em relação à minha obra. Ela vai existir enquanto isso for possível. Enquanto eu a puder fazer, vou-a fazendo. Quando não puder fazer, tenho de parar. A obra só existe enquanto a tribo o deixar!